

crioprecipitado, 2.134 (2,1%) plasmas frescos congelados e 29 (0,1%) unidades de granulócitos. Quanto ao diagnóstico relatado nas requisições transfusionais, foram 1.558 (1,5%) transfusões referentes a transplante de medula óssea, 2.130 (2,1%) aplasia de medula, 10.449 (10,3%) síndrome mielodisplásica, 10.662 (10,5%) mieloma múltiplo, 11.330 (11,2%) linfomas e 65.287 (64,4%) leucemias. **Discussão:** Nesse estudo, observou-se a prevalência de transfusão de concentrado de plaquetas, representando 71,5% das transfusões realizadas, seguido da transfusão de concentrados de hemácias, resultado esperado como consequência das condições clínicas e laboratoriais dos pacientes, que são submetidos a tratamentos quimioterápicos, que tem como consequência anemia e plaquetopenia. Houve maior número de atendimento em pacientes do sexo masculino com 56,3%. Quanto a distribuição por faixa etária, realizou-se mais atendimentos em pacientes entre 61 e 75 anos, 26% dos casos. Com relação ao diagnóstico, 64,4% dos pacientes apresentavam leucemias. Conhecer o perfil dos pacientes, auxilia na seleção dos hemocomponentes, desenvolvendo protocolos específicos de hemocomponentes especiais, com utilização de hemocomponentes filtrados, irradiados e com fenotipagem para o Sistema Rh, com o objetivo de prevenir a ocorrência de reação transfusional e evitar a sensibilização. **Conclusão:** As doenças onco-hematológicas comprometem a medula óssea no momento do diagnóstico e durante o tratamento, portanto, são responsáveis pelo maior número de transfusões nas agências transfusionais. Entre essas doenças, as leucemias levam ao maior comprometimento medular, principalmente relacionado à queda no número de plaquetas que traz como principal consequência sangramentos, muitas vezes grave. Por isso, durante a análise desse estudo, observamos prevalência do diagnóstico de leucemia e da transfusão de concentrado de plaquetas como tipo de hemocomponente mais transfundido.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1439>

PERFIL DOS PACIENTES COM DENGUE TRANSFUNDIDOS NOS HOSPITAIS DO GRUPO GSH

JAD Santos, JED Giacomo, RA Bento,
FA Quevedo, DE Rossetto, APC Rodrigues

Grupo GSH, Brasil

Introdução e objetivo: A dengue é uma arbovirose, causada por 4 sorotipos distintos, com prevalência nos países tropicais e subtropicais, é uma enfermidade que acomete os grandes centros urbanos, com um padrão sazonal. No Brasil o primeiro semestre de 2024, superou os casos de 2023, sendo o pior histórico da doença. Com base nos sinais e sintomas, a dengue pode ser classificada na sua forma mais grave, onde podem ocorrer hemorragias, trombocitopenia e coagulopatia. A transfusão de sangue é um tratamento de suporte dos sintomas relacionados a forma mais grave da doença. Nesse estudo foi traçado um perfil dos pacientes transfundidos nos hospitais atendidos pelo grupo GSH em diferentes regiões do país. **Materiais e métodos:** Estudo descritivo, observacional e

transversal, que avaliou o perfil dos pacientes com diagnóstico de dengue transfundidos quanto ao tipo de hemocomponente, concentrado de hemácias (CH), concentrado de plaquetas (CP), concentrado de plaquetas por aférese (CPA), plasma fresco (PF) e crioprecipitado (CRIO), sexo, idade e região assim como o quantitativo transfusional. Os dados foram obtidos do sistema Real Blood, no período de outubro de 2023 a junho 2024. **Resultados e discussão:** Foram realizadas 7854, transfusões em 1001 pacientes, em 152 hospitais, atendidos pelo grupo GSH, distribuídos pelo Brasil. A maioria das transfusões ocorreram em pacientes do sexo masculino 4115 (52,4), já do sexo feminino foi 3739 (47,6), a faixa etária que mais recebeu transfusões foi de 41-50 anos 1433 (18,2), as demais foram: menor que 1 ano 39 (0,5); 1-5 anos 124 (1,58); 6-10 anos 86 (1,09); 11-20 anos 432 (5,5); 21-30 anos 750 (9,55); 31-40 anos 1088 (13,9); 51-60 anos 888 (11,3); 61-70 anos 1201 (15,3); 71-80 anos 1213 (15,4); Acima de 80 anos 600 (7,64). Houve predomínio de uso de componentes plaquetários: CP 6462 (82,28) e CPA 332 (4,32), devido a fisiopatologia do vírus que infecta as células hematopoéticas e megacariócitos na medula óssea, reduzindo a produção de plaquetas. O segundo hemocomponente mais utilizado foi CH 643 (8,19), que está indicada em perda de volemia ou no choque hemorrágico, houve utilização de PF 315 (4,01) e CRIO 102 (1,30), em pacientes com a diminuição de fatores de coagulação. Analisando as regiões mais afetadas do Brasil, pode-se avaliar que o estado de SP com 51 hospitais realizou 3019 transfusões (38,44) e RJ com 57 hospitais realizou 3003 (38,44), foram os estados com mais necessidade de transfusão para pacientes com dengue. Os demais foram: DF com 10 hospitais e 1157 transfusões (14,73), MG com 3 hospitais e 150 transfusões (1,91), PI com 5 hospitais e 139 transfusões (1,77), PE com 8 hospitais e 107 transfusões (1,36), ES com 2 hospitais e 69 transfusões (0,88), MA com 3 hospitais e 65 transfusões (0,83), BA com 6 hospitais e 50 transfusões (0,64), SC com 1 hospital e 50 transfusões (0,64), SE com 1 hospital e 16 transfusões (0,20), AL com 1 hospital e 12 transfusões (0,15), PA com 12 hospitais e 11 transfusões (0,14), PR com 1 hospital e 5 transfusões (0,06) e MS com 1 hospital e 1 transfusão (0,01). **Conclusão:** A compreensão do perfil de atendimento é importante para eficiência operacional e o manejo de estoque dos bancos de sangue, através da captação de doadores, assim como uma gestão transfusional assertiva, com a garantia de atendimento a todas as solicitações de transfusão.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1440>

COMPARAÇÃO DE SOROLOGIA REAGENTE DOS DOADORES DE SANGUE DO BANCO DE SANGUE SÃO PAULO DE 2021 A 2023

JAD Santos, AP Sessin, RA Bento, DE Rossetto,
JED Giacomo, APC Rodrigues

Grupo GSH, Brasil

Objetivo: O sangue, seus componentes são imprescindíveis para o tratamento de alterações hematológicas e

primordiais para a prática transfusional. Os testes sorológicos obrigatórios nas amostras dos doadores para detecção de infecções/doenças são: Doença de Chagas, Sífilis, Hepatite B, Hepatite C, HIV-1/2, HTLV-I/II. O objetivo desse trabalho foi comparar o perfil sorológico dos candidatos à doação de sangue no Banco de Sangue São Paulo – Grupo GSH entre 2021 e 2023. **Método:** Estudo descritivo e retrospectivo, quantitativo e comparativo, utilizando os dados registrados no sistema informatizado utilizado no Banco de Sangue São Paulo do grupo GSH, dos candidatos à doação que realizaram a triagem sorológica com positividade, nos anos de 2021 a 2023. **Resultados:** No ano de 2021, foram realizadas 39.327, com resultados positivos de 657 (1,44%). Para anti-HBc 192 (0,49%), sífilis 313 (0,80%), HBsAg 7 (0,02%), anti-HIV 12 (0,03%), anti-HCV 17 (0,04%), chagas 15 (0,04%) e anti-HTLV 11 (0,03%). Os resultados positivos foram de 88,71% (503) em doadores de primeira vez, 3,17% (18) em doadores repetição e 8,11% (46) em doadores esporádicos. Em relação ao sexo 60,32% (342) em homens e 39,68% (225) em mulheres. Em 2022, foram realizadas 38.782, com resultados positivos de 560 (1,44%). Para anti-HBc 185 (0,48%), sífilis 310 (0,80%), HBsAg 6 (0,02%), anti-HIV 11 (0,03%), anti-HCV 18 (0,05%), chagas 20 (0,05%) e anti-HTLV 10 (0,03%). A sorologia não negativa foi de 85% (476) em doadores de primeira vez, 5,54% (31) em doadores repetição e 5,71% (32) em doadores esporádicos. Se comparado ao sexo 58,39% (327) em homens e 41,61% (233) em mulheres. No ano de 2023, a sorologia não negativa foi de 516 (1,21%) em 41.119 doações. Para anti-HBc 193 (0,49%), sífilis 260 (0,66%), HBsAg 6 (0,02%), anti-HIV 13 (0,03%), anti-HCV 17 (0,04%), chagas 17 (0,04%) e anti-HTLV 10 (0,03%). A sorologia não negativa foi de 80% (417) em doadores de primeira vez, 5,81% (30) em doadores repetição e 9,11% (47) em doadores esporádicos. Se comparado ao sexo 62,79% (324) em homens e 37,21% (192) em mulheres. **Discussão:** Analisando os dados dos 3 anos, é possível avaliar, que as positivities sorológicas nos doadores de sangue em 2021, 2022 e 2023, são maiores em homens comparado as mulheres. O principal perfil de doador segue como de primeira vez, o que se mantém um desafio para os bancos de sangue, pois doadores novos e com perfil sorológico desconhecido, podem trazer sorologia alterada, elevando o custo do ciclo do sangue e acarretando inseguranças aos pacientes elegidos para uma transfusão. Nos três anos analisados, pode-se notar que as triagens clínicas, alinhadas com as triagens sorológicas continuam sendo eficientes. **Conclusão:** A média de soropositividades nos três anos, foi mantida. O desafio de fidelizar os doadores de sangue, para migrarem de única vez, para voluntários regulares continua como um trabalho a ser desenvolvido, e é necessário traçar estratégias, para garantir o retorno desses doadores conhecidamente com sorologia negativa e que entendam os critérios para realizar uma doação segura. Assim, preservar os estoques de sangue pode se tornar uma tarefa menos complexa, garantindo um processo transfusional cada dia mais seguro.

FENÓTIPOS SANGUÍNEOS RAROS E OS DESAFIOS PARA A HEMOTERAPIA

LR Oliveira^a, EAG Bezerra^b, EPD Santos^b,
LF Teles^b, CO Matos^b, TB Mendes^b, JWB Sales^b,
MAB Júnior^{a,b}

^a Centro Universitário do Norte de Minas (Funorte),
Belo Horizonte, MG, Brasil

^b Hemocentro Regional de Montes Claros Fundação
Centro de Hematologia e Hemoterapia do Estado de
Minas Gerais (Hemominas), Montes Claros, MG,
Brasil

Introdução: A identificação de fenótipos sanguíneos raros é crucial para garantir transfusões seguras e eficazes, especialmente em pacientes com necessidades transfusionais frequentes. Estes fenótipos, presentes em uma pequena porcentagem da população, podem causar dificuldades na busca de doadores compatíveis, aumentando o risco de reações adversas e aloimunização. A literatura destaca a importância de bancos de sangue especializados e estratégias para a identificação e manejo desses fenótipos. Estudos recentes em diferentes regiões do Brasil, incluindo São Paulo e o sul do país, evidenciam a variabilidade e a necessidade de um banco de dados nacional para melhor atender às necessidades transfusionais. **Objetivos:** Identificar e analisar a importância de fenótipos sanguíneos raros em doadores de sangue e seu impacto nas práticas de transfusão. **Métodos:** Foi realizada uma revisão bibliográfica de artigos publicados entre 2015 e 2024, utilizando bases de dados como Google Scholar e PubMed. **Resultados:** Foram encontrados artigos que abordam a identificação e manejo de fenótipos raros em diferentes regiões do Brasil, como São Paulo e o sul do país. Os estudos destacam a importância da fenotipagem sistemática em doadores de sangue, a necessidade de bancos de sangue especializados e a criação de uma rede nacional de dados para otimizar as práticas transfusionais. **Discussão:** A identificação de fenótipos raros é um desafio contínuo, mas essencial para a medicina transfusional. No hemocentro de Ribeirão Preto, foram documentados vários casos de fenótipos raros, destacando a necessidade de um banco de dados específico. A proposta de um guia nacional para a implementação de bancos de sangue com fenótipos raros visa padronizar e otimizar a identificação e o manejo destes casos. A pesquisa de Cardoso e Vizzoni (2024) enfatiza a importância da fenotipagem sistemática em doadores de sangue para prevenir reações hemolíticas e a aloimunização. Alvarenga et al (2023) discutem o manejo de sangue raro no interior de São Paulo, ressaltando os desafios logísticos e a necessidade de colaboração interinstitucional. Estudos no sul do Brasil (2020) também evidenciam a prevalência de fenótipos raros e seu impacto no suporte transfusional. A implementação de bancos de sangue especializados e a criação de redes nacionais são apontadas como soluções eficazes para melhorar o atendimento transfusional. **Conclusão:** A identificação e manejo de fenótipos sanguíneos raros são cruciais para a segurança transfusional. A criação de bancos especializados, a fenotipagem sistemática e a colaboração entre centros de